

EM DEFESA DA FÉ: UM PANORAMA DOS CONFLITOS ENFRENTADOS PELOS APOLOGISTAS

Rafael da Silva França¹

RESUMO

O presente artigo visa relatar de forma panorâmica os conflitos enfrentados pelo cristianismo mediante as refutações dadas por aqueles que se propuseram defender a fé cristã, os apologistas. Os apologistas eram os defensores da fé do segundo século em diante, substituindo os apóstolos do primeiro século, e analisando as obras de alguns deles, em meio suas refutações, é possível esboçar um panorama dos conflitos que o cristianismo enfrentou em seus primórdios. Não entraremos nas minúcias dos conflitos e nem nos embasamentos ideológicos e retóricos utilizados para defender a fé cristã, analisaremos apenas os relatos de determinado apologista, ressaltando qual era e a complexidade do conflito que este se propôs a defender. Com isso, foi possível elaborar um compilado de adversidades que se levantaram nos primórdios da fé cristã e seus ataques e, em contrapartida, a coragem, fé e sabedoria dos apologistas para refutar esses conflitos em defesa daquilo que criam. É possível concluir que o movimento cristão foi bastante atacado, porém foi eficazmente defendido.

Palavras chave: Apologistas, Conflitos, Defesa da fé.

ABSTRACT

This article lens report in order panorama the conflicts faced by Christianity through the refutations given for by those proposed defend the faith Christian, the apologists. The apologists were defenders of faith in second century onward, replacing the apostles of first century, and analyzing the works some theirs, through refutations, it is possible to outline the panorama of conflicts that the Christianity faced in yours beginnings. We will not enter in the minutiae of conflicts and not in the ideological and theoretical base for defender the faith Christian, we will analyzer just about the relates of determined apologist, highlighting what were and the complexity the conflict that those apologists proposed to defense. Thus it was possible to elaborate a compilation of adversities that raised in the beginnings of faith Christian and your attacks and, in counterpart, the courage, faith and wisdom of the apologists for to refute this conflicts in defense of that believe. It is possible to conclude that the movement Christian was a lot attacked, but was effectively defended.

Keywords: Apologists, Conflicts, Defense of Faith.

INTRODUÇÃO

Desde sua origem o cristianismo sofreu grande perseguição do Estado Romano, chegando ao martírio de seguidores desse movimento. Além da pressão estatal havia a pressão social que pressionava o cristianismo, por causa do senso patriota do povo romano. “As acusações contra o cristianismo eram de três tipos: ateísmo – não criam nos deuses tradicionais-; hábitos anormais – assassinato: beber o sangue e comer o corpo; e desobediência ao governo – não adoravam ao imperador” (ALMEIDA, 2012, p.82).

Este clima de tensão vivido pelos cristãos também do segundo século em diante, ocasionou, sem motivo aparente, julgamentos em tribunais, pois eram julgados por sua fé e conduta como sendo não apropriados. Foi nesse contexto e por essas razões que surgiram os apologistas como comenta Almeida (2012, p.82): “Aí entram os apologistas! Era preciso assegurar o direito à existência!”. A intenção dos apologistas era de se defender das acusações sociais e políticas, e de pregar a superioridade sobre as demais religiões.

Os apologistas tinham um duplo objetivo em seus escritos. Por um lado queriam refutar as falsas acusações de ateísmo, canibalismo, incesto, preguiça e práticas anti-sociais atribuídas a eles por vizinhos pagãos, entre os quais Celso, por exemplo. O outro objetivo era desenvolver uma perspectiva construtiva para demonstrar que, ao contrário do cristianismo, o judaísmo, as religiões pagãs e o culto do Estado eram tolice e pecado (CAIRNS, 2009, p.90).

De forma panorâmica, esse artigo visa relatar os conflitos que o movimento cristão enfrentou, sob a óptica de alguns daqueles que se colocaram em defesa da fé após os apóstolos: os apologistas. Não é possível citar a pessoa e obra de cada defensor da fé levando em conta a delimitação para este artigo, por isso a escolha dos mesmos foi a critério do pesquisador. Porém, com os apologistas estudados é possível encontrar conflitos, tais como, embate contra o governo e contra a sociedade romana e tudo que a compunha, as religiões pagãs, a cultura grega, as injustiças sociais, as acusações de ateísmo dos cristãos que abrangiam, em menor escala, mas existente, uma posição contra o judaísmo.

Contra o governo

Justo González explica essa transição do confronto entre o Estado e o cristianismo do primeiro século para o segundo, expondo que as incitações do povo romano e suas especulações, como, canibalismo, incestos e outras acusações fraudulentas, foram crescendo com o passar do tempo. Com isso, o cristianismo no segundo século é visto, confusamente, como crime. Confusamente, pois não havia um padrão definido para acusar e julgar os cristãos.

A carta do governador romano Plínio, o Jovem, para o imperador Trajano, demonstra claramente essa confusão. Plínio achava confuso litigar acerca do cristianismo e pergunta ao imperador como tratar tal situação. A resposta do imperador declara a falta de padronização contra o “crime” dos cristãos.

Segundo ele [Trajano], não há uma regra que possa ser aplicada em todos os casos. Por um lado, o crime dos cristãos não era de tal natureza que devessem ser usados recursos do Estado para buscá-los. Por outro lado, entretanto, se alguém os acusa e eles se negam a adorar aos deuses, devem ser castigados (GONZÁLEZ, 2011, p.47).

Tertuliano, que além de teólogo era advogado, comenta em uma de suas apologias quase cem anos depois, sobre essa incompatibilidade da lógica processual do Estado Romano contra o cristianismo: “Oh! Sentença necessariamente confusa! Nega-se a buscá-los, como se fosse a inocentes. E manda castigá-los, como a culpados. Tens misericórdias e és severa; dissimulas e castigas. Como evitas então censurar-te a ti mesma?” (TERTULIANO *apud* GONZÁLEZ, 2011, p.47).

Vale lembrar, que essas perseguições não eram em todo o império romano, desde Nero, o precursor da afronta contra os cristãos, até Décio, precursor de uma perseguição universal no império romano, elas eram locais e esporádicas (CAIRNS, 2009). Assim, a tensão que existia no primeiro século, existiu no segundo século:

Em resumo, a situação dos cristãos ao longo do século II foi precária. Nem sempre eram perseguidos. Muitas vezes perseguiam-nos em umas regiões do Império e não em outras. Tudo dependia das circunstâncias do momento e do lugar. Em particular, era de que houvesse ou não alguém com suficiente ódio para com os cristãos a fim de delatá-los ante os tribunais. (GONZÁLEZ, 2011, p.54).

O imperador de espírito culto e amante do saber, Marco Aurélio, não era como Nero e Domiciano, porém, como explica Justo González, era filho de sua época, ou seja, embora sua razão não se rebelara contra os cristãos, sua superstição somada com as calamidades ocorridas em seu tempo, fizeram com que ele entendesse que alguém era culpado. “Inclinado a atribuir as calamidades naturais e artificiais que ocorriam em seu império ao crescimento do cristianismo, deu ordens para a perseguição aos cristãos” (CAIRNS, 2009, p.78).

Eusébio de Cesaréia expõe de forma ampla e detalhada como foi essa perseguição nos tempos de Marco Aurélio em sua obra *Recompilação de Martírios*, e, em *Histórias Eclesiásticas* ele cita quão grande foi ela:

Corria o décimo sétimo ano do imperador Antonino Vero [Marco Aurélio]. Neste tempo reavivou-se com maior violência em algumas partes da terra a perseguição contra nós e, pelos ataques de habitantes das cidades, pode-se conjecturar que foram milhares os mártires que se distinguiram se levamos em conta o ocorrido em uma só nação, que por ser realmente digno de lembrança imorredoura, foi transmitido por escrito à posteridade (2005, Livro V - prólogo- 1, p.151).

No início do terceiro século, sob o reinado de Sétimo Severo, este, promulgou uma nova onda de perseguição aos cristãos. Os judeus e os cristãos sofreram por não aderirem ao sincretismo e “o resultado de tudo isto foi o recrudescimento da perseguição no estilo do século anterior e, ao mesmo tempo, perseguição mais intensa dirigida contra os novos convertidos e seus mestres. Portanto, o ano de 202, data do edito de Sétimo Severo, marca um novo fato na história das perseguições” (GONZÁLEZ, 2011, p.86). Seu modo de perseguir era igual ao do século anterior, mas para os novos cristãos a severidade aumentava.

Eusébio de Cesaréia relata sucintamente sobre a perseguição de Severo, localizando-a principalmente em Alexandria:

E como também Severo suscitou uma perseguição contra as igrejas, em todas as partes consumaram-se esplêndidos martírios dos atletas da religião, mas multiplicaram-se especialmente em Alexandria. Os atletas de Deus foram enviados para lá, como ao maior estádio, desde o Egito e de toda a Tebaida, e por sua firme paciência em diversos tormentos e gêneros de morte, cingiram-se com as coroas preparadas por Deus (EUSÉBIO, 2005, Livro VI, I, 1, p.193).

Depois de Severo a perseguição deu uma trégua. Embora o reino fosse sincretista, não havia a obrigação dos judeus e dos cristãos aderirem a isso. Mas o risco era iminente, qualquer questão poderia acarretar numa perseguição novamente. Foi o que aconteceu no reinado de Máximo (Máximo) “sob o governo de Máximo, desatou a perseguição em Roma, e tanto o bispo Ponciano como seu rival Hipólito foram exilados e enviados a trabalhar nas minas” (GONZÁLEZ, 2011, p.89).

O que é relevante nessa perseguição é o motivo pelo qual ela foi instaurada: um conflito familiar. Máximo foi colocado como imperador depois do assassinato do então imperador Alexandre Severo, porém havia um ressentimento entre essas famílias. Como a família de Alexandre aderiu a fé cristã, ao assumir o império, Maximino promulgou uma perseguição aos cristãos, ordenadamente a seus líderes. “Este, por ressentimento contra a família de Alexandre, que era composta de muitos fiéis, suscitou uma perseguição ordenando que somente fossem eliminados os chefes das igrejas, como culpados pelo ensino do Evangelho” (EUSÉBIO, 2005, Livro VI, XXVIII, 1, p.216).

Em meio a declinação da glória de Roma, eis que surge o imperador Décio querendo restabelecê-la. Esse era o objetivo principal de seu reinado e ele não tinha uma desavença particular com o cristianismo, mas sim com todas as religiões que não existiam nos tempos de glórias do império romano. Sua estratégia principal era restaurar os velhos cultos e seus deuses.

Não era uma perseguição local visando mártires e sim uma campanha religiosa visando apóstatas que voltariam as antigas práticas e rituais dos cultos antigos. Por isso o imperador Décio promulgou um edito em que todos deveriam oferecer sacrifícios para os deuses e queimar incenso ante a estátua do imperador. Essa perseguição universal, embora não tenha derramado sangue como as perseguições de Nero e de Marco Aurélio, causou um impacto deveras destrutivo na Igreja posteriormente.

Como era de supor. Essa ordem imperial tomou os cristãos de surpresa. As gerações que se sucederam sob o perigo constante da perseguição já tinham passado, e as novas gerações não estavam preparadas para enfrentar o martírio. Alguns correram a obedecer ao edito imperial tão logo se informaram dele. Outros permaneceram firmes por algum tempo, mas quando foram levados diante dos tribunais ofereceram sacrifícios diante dos deuses. Outros, talvez mais astutos, valeram-se de artimanhas e do poder do ouro para obter certificados falsos sem ter sacrificado nada. Outros, enfim, permaneceram firmes, e se dispuseram a enfrentar as torturas mais cruéis que seus carcereiros pudessem impor. Desde que o propósito de Décio era obrigar as pessoas a sacrificar, foram relativamente poucos os

que morreram durante essa perseguição. O que mais se fazia era deter os cristãos e, mediante a uma combinação de promessas, ameaças e torturas, fazer todo o possível para obriga-los a abjurar sua fé (GONZÁLEZ, 2011, p.90).

Depois de Décio, houve mais uma curta perseguição com Valeriano, mas somente com Diocleciano que a perseguição aos cristãos voltou à tona com força total. “Diocleciano ordenou o fim das reuniões cristãs, a destruição das igrejas, a deposição dos oficiais da Igreja, a prisão daqueles que persistissem em seu testemunho de Cristo e a destruição das Escrituras pelo fogo” (CAIRNS, 2009, p.80).

Eusébio de Cesaréia confirma em seus escritos como essa perseguição universal assolou a igreja por todas as partes diante dos editos impostos pelo imperador Diocleciano:

Era este ano dezenove do império de Diocleciano e o mês Distro – entre os romanos se diria o de março – quando, estando próxima a festa da paixão do Salvador, por todas as partes estenderam-se editos imperiais mandando arrasar até o solo as igrejas e fazer desaparecer pelo fogo as Escrituras, e proclamando privados de honras aqueles que delas desfrutavam e de liberdade aos particulares se permanecessem fiéis em sua profissão de cristianismo (EUSÉBIO, 2005, Livro VIII, II, 4, p.275).

Entre o fim do reinado de Diocleciano (305) até o primeiro edito de tolerância ao cristianismo com Galério (311), ainda havia grande tensão entre os cristãos sobre perseguição, tensão que perdurou até 313 com o Editto de Milão promulgado pelo imperador Constantino, que garantiu a liberdade religiosa para qualquer religião (CAIRNS, 2009).

Mas com isso podemos ver a facilidade que se tinha para oprimir e perseguir os cristãos. Qualquer motivo era válido para acusa-los e qualquer pretexto era cabível para o Estado colocar a culpa no cristianismo, desde a decadência do império, como no caso de Marco Aurélio, até implicância familiar, no caso de Maximino.

As consequências não foram apenas mortes, mas posteriormente pode-se ver o que essas perseguições causaram internamente no cristianismo. Problemas internos, como por exemplo, o tratamento com os “traidores” ou “caídos”, que abdicaram da fé mediante a perseguição de Décio ou Diocleciano. Houve problemas também com os livros do cânon do Novo Testamento, pois

se necessitava da certeza de que os livros pelo qual eles estavam dispostos a morrer eram sagrados ou não. E ainda havia as indagações e as dificuldades no tratamento que os cristãos deveriam ter com o governo (CAIRNS, 2009).

Contra as religiões pagãs

Além da cultura grega e suas filosofias (nas quais falaremos adiante), o cristianismo teve que enfrentar outros sistemas de pensamentos pagãos que haviam no império romano, e sua forma de refutar tais pensamentos era fazendo apologia contra esses sistemas, demonstrando a superioridade do cristianismo sobre eles. Sua luta, no entanto, não era exatamente, nesse momento, conflitar contra essas religiões e sim demonstrar para o governo a superioridade cristã, por isso esse nicho se localiza entre os apologistas.

A superioridade cristã é posta em contraste com o sistema corrompido e imoral das religiões pagãs, com o intuito de elevar o movimento cristão ante as autoridades romanas. Essa foi a estratégia de muitos apologistas.

Aristides foi um apologista filósofo que mostrou o contraste das religiões pagãs com o cristianismo, revelando a supremacia deste ao sistema corrupto, errôneo e desviado que eram as demais religiões professadas no império romano. Em 1889 foi descoberta uma versão completa da obra de Aristides (138 d.C.), destinada ao imperador Antonino Pio, no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai. “Os primeiros catorze capítulos comparam as formas do culto cristão, caldeu, grego, egípcio e judeu para provar a superioridade da maneira cristã de cultuar. Os últimos três capítulos pintam o quadro nítido dos costumes e da ética dos primeiros cristãos” (CAIRS, 2009, p.91). Segundo Justo González, Aristides demonstra a superioridade dos cristãos contra os judeus, gregos e bárbaros, enaltecendo o costume e o amor: “Os cristãos são uma nova nação que tem uma mescla divina, e esta nova raça é conhecida por seus costumes elevados e pelo amor que seus membros trazem entre si” (2004, p.99).

Como já citado, o intuito de Aristides era demonstrar os erros das religiões pagãs, como os caldeus, gregos e egípcios, e ainda os desvios dos judeus em contraste com a grandeza da religião cristã, aqui estão algumas demonstrações desse pensamento de Aristides:

Os caldeus, por não conhecer a Deus, se extraviaram atrás dos elementos e começaram a adorar as criaturas ao invés de aquele que os havia criado. Fazendo certas representações deles, os chamaram de imagens do céu e da terra, do sol, da lua e dos outros elementos ou luminárias;

trancando-os em templos, os adoram, dando-lhes nome de deuses, e os guardam com toda a segurança, para que não sejam roubados por ladrões, sem perceber que aquele que o guarda é maior do que o guardado e que aquele que o fabrica é maior do que sua própria obra. Se os deuses deles são impotentes para sua própria salvação, como poderão dar salvação a outros? (ARISTIDES, Cap.3).

Sobre os deuses gregos Aristides diz que se diziam sábios, mas foram os mais ignorantes por acreditar e adorarem um panteão de deuses iníquos em seus próprios relatos:

Eles mesmos contaram que seus deuses foram adúlteros e assassinos, coléricos, invejosos e rancorosos, parricidas e fraticidas, ladrões e roubadores, coxos e corcundas, feiticeiros e loucos. Alguns deles morreram, outros foram fulminados, outros serviram aos homens como escravos, outros andaram fugitivos, outros bateram no peito e se lamentaram, e outros se transformaram em animais. Daí vemos, ó rei, como são ridículas, insensatas e ímpias as palavras que os gregos introduziram (ARISTIDES, Cap.8).

Em relação aos egípcios, Aristides os qualifica como pior que os caldeus e os gregos, e de qualquer outra nação:

Quanto aos egípcios, que são mais torpes e ignorantes do que os gregos, erraram mais ainda do que todas as nações. Não se contentaram com o culto dos caldeus e dos gregos, mas introduziram como deuses animais irracionais, tanto da terra, como da água, e ainda árvores e plantas. Com isso, sujaram-se em toda loucura e impudicícia, mais ainda do que todas as outras nações sobre a terra (ARISTIDES, Cap.12).

Com isso fica evidente a contribuição de Aristides ao cristianismo ao refutar com tantos argumentos sólidos as religiões pagãs, colocando o tom certo de superioridade do Deus que o cristianismo crê em vista dos outros deuses.

O bispo dos cristãos em Antioquia, Teófilo, é considerado o último dos apologistas do segundo século, escreveu três livros *A Autólico* (180 d.C.), um magistrado pagão (OLSON, 2001, p.63). Sua discussão com Autólico tinha um tom mais filosófico, onde ele, Teófilo, tinha o objetivo de trazer o cristianismo através de argumentos racionais. Porém não deixou de ser apologista, defendendo a superioridade da fé cristã sobre as demais crenças. “No primeiro

livro, Teófilo discute a natureza e a superioridade de Deus. No segundo, compara a fragilidade da religião pagã com o cristianismo” (CAIRNS, 2009, p.93).

Na luta contra o paganismo Teófilo em seu primeiro livro revela a soberania em grandiosidade e poder ante os deuses pagãos. Com isso mostra que um dos conflitos que o cristianismo enfrentava era o de “defender” a soberania e existência de Deus, desafio levantado pelo próprio Autólico com a pergunta “Mostra-me teu Deus”, e ainda de “defendê-lo” diante dos outros deuses:

Tu me causaste estupor com palavras vãs, vanglorianto-te dos teus deuses de pedra e madeira cinzelados e fundidos, esculpidos e pintados, deuses que não veem nem ouvem (de fato, são imagens de obras de mãos humanas); além disso, tu também me chamas zombeteiramente de cristão, como se eu portasse um nome infame. Quanto a mim, confesso que sou cristão e trago esse nome de bom grato a Deus, para supores que seja difícil ter o nome de Deus, talvez porque, sendo inútil para Deus, tu pensas dessa maneira sobre Deus (TEÓFILO, A Autólico – livro I, Cap.1).

Por isso, praticamente esse livro todo, foca seu pensamento em demonstrar a soberania de Deus, sua transcendência e sua compreensão possível, em parte, pela razão.

No segundo livro Teófilo rebate o paganismo grego ridicularizando os procederes dessas religiões e diminuindo o valor e poder dos seus deuses:

Com efeito, parece-me ridículo que cortadores de pedra, oleiros, pintores e fundidores modelem, pintem, esculpam, fundam e fabriquem deuses, os quais, enquanto estão nas mãos dos artífices, não são de maneira nenhuma apreciados; contudo, quando alguém os compra e os expõe no que chamam de templo ou alguma casa, então são adorados não somente por aqueles que os compraram, mas aqueles mesmos que os fabricaram e venderam acorrem com grande fervor. (TEÓFILO, A Autólico – livro II, Cap.2).

O cristianismo conflitava contra o paganismo engrandecendo seu Deus com argumentos fortes e coerentes e utilizava das mesmas artimanhas para diminuir e ridicularizar os deuses pagãos.

Em *Contra Celsum*, Orígenes refutou o pensamento pagão de Celso, que distorcia as práticas cristãs, doutrinas e Escrituras sagradas em *O Verdadeiro Verbo*. “Como Orígenes não refutou os argumentos de Celso um

por um, esta obra não tem um princípio de unidade interna. Apesar disto, ela é de grande importância para a história do conflito do Cristianismo com o paganismo nos primeiros séculos de nossa era” (GONZÁLEZ, 2004, p.205). Roger Olson (2001) diz que na obra que Orígenes refutou as acusações de Celso, ele praticamente mostrou a superioridade das Escrituras sobre qualquer outra filosofia pagã helenística e romana. “Mais do que qualquer outra apologia cristã, essa obra de Orígenes derrotou um Golias da oposição do cristianismo e introduziu a jovem religião em uma nova era de respeitabilidade, a despeito da contínua perseguição” (OLSON, 2001, p.103).

Contra a cultura grega

Embora o império fosse o Romano, o modo de pensar, as ideologias e a cultura era praticamente helenística em todo o território, com isso, muito se teve que lutar contra a filosofia grega em geral entre 100 d.C e 313 d.C., assim como foi no primeiro século.

O maior perigo para a pureza doutrinária da fé cristã veio da filosofia grega. O número de gentios convertidos ao cristianismo foi muito maior que o de judeus. Entre estes estavam muitos filósofos que queriam combinar cristianismo com filosofia, ou vestir a filosofia pagã com uma roupagem cristã. (CAIRNS, 2009, p.83).

O modo de conflitar a cultura e a religião grega, foi basicamente a que utilizaram para refutar as demais religiões pagãs: denegrindo e desmoralizando-a, porém com pensamentos mais amplos e mais fundamentados, pois não era qualquer oponente. Entre os conflitos que o cristianismo enfrentou, a de maior escala foi contra a cultura grega, pois até dentro do próprio cristianismo, como citado por Earle Cairns, eles se infiltraram.

Clemente de Alexandria, um filósofo cristão, também teve sua contribuição para o pensamento de superioridade do cristianismo contra as outras filosofias e pensamentos, tendo ainda, uma visão missionária. “Seu *Protrepticus* ou *Exortação aos Gentios* é um documento missionário de cunho apologético escrito por volta de 190 d.C. para provar a superioridade do cristianismo como a verdadeira filosofia e assim levar os pagãos a aceitá-lo” (CAIRNS, 2009, p.95). Apesar de considerar Jesus o exemplo de toda a sabedoria, com isso resumindo que o cristianismo é fonte da verdadeira sabedoria, Clemente utiliza diversos pensamentos da cultura grega “Todavia, mesmo nesta obra de caráter apologético, Clemente demonstra apreço pelos

valores da cultura helenística e afirma que a verdade também se encontra nos antigos filósofos e poetas” (GONZÁLEZ, 2004, p.188).

Taciano (120-180 d.C) foi um apologista, discípulo de Justino, que defendeu superioridade cristã sobre a cultura um intelectual de forma irônica procurando “ridicularizar a cultura pagã afirmando que apesar de toda a filosofia clássica a única religião que eles apresentaram foi a do Olimpo onde os deuses viviam enciumados uns com os outros” (ALMEIDA, 2012, p.91). A contribuição desse apologista erudito para o cristianismo, segundo Earle Cairns (2009), foi a obra *Discurso aos Helenos* que foi dirigida à todo povo grego. De forma sátira Taciano ridiculariza grandes nomes da cultura grega como Aristóteles, Zenão, Heráclito, Diógenes entre outros. Eis um exemplo de sua forma de ataque aos gregos:

Os que se interessam por essas questões dizem que o poeta trágico Eurípedes foi lá, leu o livro e propagou de memória e com todo empenho as trevas de Heráclito. Mas o que pôs em evidencia a sua ignorância foi o modo como morreu: atacado de hidropisia, e tratando a medicina como a filosofia, envolveu-se com estrume de boi e, quando este endureceu, produziu convulsões em todo o seu corpo e ele morreu de espasmo. (TACIANO, *Discurso aos Helenos*, Cap.3).

Taciano afirmava que o cristianismo é mais antigo do que a religião e a filosofia grega, e que, Moisés, é anterior a Homero e por isso serviu de inspiração para os autores gregos nas seguintes palavras:

Concedamos que Homero tenha vivido, não após a guerra de Tróia, mas no próprio tempo da guerra e que até tenha combatido no exército de Agamenon e que, se alguém se compraz com isso, tenha nascido antes da invenção do alfabeto. Ficará claro que o dito de Moisés é, em muitos anos, mais antigo que a tomada de Tróia, muito anterior à própria fundação da cidade, a Tros e a Dárdano. Para demonstrar isso, valer-me-ei de testemunhos caldeus, fenícios, egípcios e... para que mais? (TACIANO, *Discurso aos Helenos*, Cap.36).

Com esses argumentos de superioridade moral e religiosa, e de antiguidade, Taciano chega a conclusão de que os cristãos mereciam, do povo romano, um melhor tratamento que os gregos.

Tertuliano em sua obra *Prescrição contra os hereges* faz uma crítica a qualquer ensino tirado da literatura e do pensamento grego que não concordassem com as Escrituras. “Sua ‘prescrição’ contra todos os tipos de heresia que apareciam em Roma e arredores era que os cristãos deviam

evitar terminantemente a tentativa de racionalizar as crenças cristãs pelo uso de categorias e conceitos filosóficos gregos estranhos à verdade bíblica” (OLSON, 2001, p.94).

Contra os judeus

Nessa época talvez não tenha havido uma perseguição aos judeus como no primeiro século, porém ainda havia um mal-estar entre esses dois movimentos. O conflito era ideológico onde se colocava que a lei de Cristo extinguiu a antiga Lei e que, não acreditar nisso, fazia do judaísmo uma religião pagã.

Justino Mártir em seu *Diálogo com Trifo* procura convencer os judeus de que Jesus era o Messias prometido nas Escrituras, por isso ele enfatiza essa verdade usando as Escrituras e dá muita ênfase nas profecias (CAIRNS, 2009). “Para os rígidos judeus os cristãos eram perigosos deformadores da religião inalterável revelada a Moisés. Os cristãos consideravam as exigências mosaicas como uma disciplina temporária, não devendo ser tomada como a única palavra de Deus” (ALMEIDA, 2012, p.90).

Aristides também refutou contra o judaísmo, não o afrontando como ele fez com os caldeus e egípcios, mas ainda assim não deixou de rebatê-los de forma firme, alegando que a não crença em Jesus, faz deles iguais aos pagãos:

Eles, de fato, ainda adoram um só Deus onipotente, mas não tem conhecimento completo, pois negam a Cristo, Filho de Deus. São semelhantes aos pagãos, ainda que pareçam, aproximar-se da verdade, da qual realmente se afastaram. Basta isso sobre os judeus... (ARISTIDES, Cap.14).

Contra as injustiças sociais

Um dos grandes fatores da perseguição dos cristãos, como já foi citado, eram as diversas acusações sobre a moral e a ética dos cultos e da doutrina cristã, como ensina Gonzalez (2009, p.80,81): “Os rumores se baseavam geralmente em algo que os pagãos ouviam dizer ou viam os cristãos fazer, e então o interpretavam erroneamente”, e, “Outra estranha opinião que alguns sustentavam, era que os cristãos adoravam um asno crucificado”, referindo-se ao próprio Cristo ressurreto.

Acusações sérias eram colocadas contra ao cristianismo como, incesto, imoralidades sexuais, antropofagia (canibalismo), assassinato, desobediência ao governo, ateísmo (que será tratado de forma particular), entre outros.

Justino Mártir, considerado pela maioria dos escritores como o maior apologista do segundo século, em sua Primeira Apologia, destinada ao imperador Antonio Pio, na maior parte de sua obra (14-60) relata a moral, a doutrina e o Fundador do cristianismo, Jesus. “Justino argumenta que uma análise demonstraria que os cristãos eram inocentes das acusações que lhes faziam, devendo, portanto, ser suspensa a perseguição contra eles” (CAIRNS, 2009, p.91).

Atenágoras, embora sua luta principal fosse contra a acusação de ateísmo, em alguns capítulos de sua obra, rebate a acusação de incestos e de comer seus filhos em banquetes sacrificiais (CAIRNS, 2009, p.93). Atenágoras combateu essas acusações graves contra os cristãos. Ainda contra a acusação de incesto e relações imorais Atenágoras refuta tais acusações colocando em pauta a atitude dos deuses dos acusadores em contraste do Deus dos cristãos. Enquanto os deuses pagãos além de permitir esses atos impuros e imorais também os praticavam, em contrapartida, o Deus dos cristãos além de ir contra esses preceitos é rigoroso em relação ao relacionamento patrimonial, pureza e moral de seus filhos. Assim se expressa Atenagoras:

Contudo se querem apresentar como crime o unir-se livre e indiferentemente, teriam de começar a rejeitar Zeus, que teve filhos com sua mãe Rea e com sua filha Coré e cuja mulher é sua própria irmã, ou rejeitar Orfeu, o inventor de todos esses contos que tornou Zeus mais ímpio e abominável do que Tiestes; com efeito, este se uniu com a própria filha através de um oráculo e pelo desejo de chegar a reinar e vingar-se. Nós, porém, estamos tão longe de ver isso com indiferença que não nos é lícito sequer olhar com intenção de desejo. De fato, a Escritura diz: “Aquele que olha para uma mulher a fim de desejá-la já cometeu adultério em seu coração” (ATENÁGORAS, Petição Em Favor dos Cristãos, Cap.32).

Já contra as acusações de antropofagia e assassinato o apologista faz dos acusadores os assassinos em seus espetáculos de horror com gladiadores, feras e mortes:

Quem, em plena razão, poderia dizer que, sendo assim, somos assassinos? Não é possível saciar-se de carne humana, se antes não matamos alguém. Se eles mentem quanto ao primeiro ponto, mentem também quanto ao segundo. Com efeito, se lhes é perguntado se viram o que dizem, não

existe ninguém tão sem vergonha que diga ter visto. Entretanto, temos escravos, alguns mais outros menos, para os quais não é possível ocultar-nos. No entanto, nenhum deles chegou a caluniar-nos com semelhantes coisas. De fato, os que sabem que não suportamos ver uma execução com justiça, como vão nos acusar de matar e comer homens? Quem de vós não se entusiasma em ver os espetáculos de gladiadores ou de feras, principalmente os que são organizados por vós? Nós, porém, que consideramos que quem ver matar está próximo do próprio matar, nos abstermos de tais espetáculos (ATENÁGORAS, *Petição Em Favor dos Cristãos*, Cap.35).

Portanto, as acusações feitas contra o cristianismo eram sem fundamentos e totalmente incoerentes com que era ensinado na Escritura pelo Deus dos cristãos no que se refere a crença e estilo de vida. Por isso eram facilmente rebatidas e se transformavam em “armas” contra os próprios acusadores que normalmente seguiam um estilo e sistema religioso corrupto e imoral.

Tertuliano é considerado um dos mais importantes polemistas, onde suas principais obras são *Contra Práxeas* e *Contra Marcion*, onde ele conflita contra os ensinamentos heréticos desses pensadores. Porém, ele também é escalado como um apologista por sua obra em meados dos anos 200 d.C., *Prescrição contra os hereges*, onde, em linguagem jurídica, argumenta contra os perseguidores do cristianismo alegando as injustiças dos oficiais romanos contra esse movimento. Além disso, explica a vida, adoração e crença cristã que vai além do que muitos outros apologistas que o precederam (OLSON, 2001).

Teófilo de Antioquia em seu terceiro livro destinado a Autólico também defendeu o cristianismo ante as falsas acusações de incesto e imoralidade sexual e também de antropofagia. Diante de tais acusações ele demonstra a superioridade do cristianismo. Esse apologista refuta tais ideias porque acredita que seu correspondente está cedendo às calúnias que fazem ao cristianismo, e por isso resolve debater tais acusações mostrando através das Escrituras, que o Deus dos cristãos, ensina um modo de conduta totalmente contrário ao que eles pensam e ao que eles e seus deuses praticam, com argumentos:

Considera, portanto, se aqueles que recebem tais ensinamentos podem viver indiferentemente ou manchar-se com uniões ilegítimas, ou então, o que supera toda impiedade, alimentar-se de carnes humanas. Na verdade, somos proibidos até de assistir aos espetáculos de gladiadores, a fim de não participarmos e não nos tornarmos cúmplices daquelas mortes. Também não devemos ver os outros espetáculos, para que nossos olhos e ouvidos não fiquem impuros ao participar do que ali se canta. De fato, se se

fala de antropofagia, ali são devorados os filhos de Tietis e Tereu; se se fala de adultério, ali se representam tragédias em que não só os homens as cometem, mas também os próprios deuses. Coisas que são contadas em versos melodiosos e não sem honras e prêmios (TEÓFILO, A Autólico, Cap.15).

Eusébio de Cesaréia argumenta que o motivo pelo qual a população, até de pagãos, se voltara contra os cristãos acusando-os falsamente por pressão do governo e ameaças, cindiu uma hostilidade ferrenha pelo movimento cristão:

Estes, pelas insídias de Satanás, temendo os tormentos que viam padecer os santos e forçados a isto pelos soldados, acusaram-nos falsamente de ceias canibais, de promiscuidades edípicas e de tantas outras coisas que para nós não é lícito nem dizer nem pensar, nem mesmo crer que tais coisas tenham ocorrido entre homens. Quando este rumor se espalhou, todos se revoltaram como feras contra nós, tanto que, se a princípio alguns se comportaram com moderação por amizade, começaram então a mostrar-se muito hostis e raivosos contra nós. Estava se cumprindo o que dissera nosso Senhor: Virá um tempo em que todo aquele que vos matar pensará estar prestando culto a Deus (2005, Livro V, I, 14, p.153).

Contra o “ateísmo” dos cristãos

Na sua primeira apologia, Justino Mártir provou que os cristãos não eram ateus nem idólatras (4-13) “Eram ateus só no sentido de que consideravam os deuses pagãos demônios indignos de não serem cultuados” (ALMEIDA, 2012, p.89).

Atenágoras de Atenas, também foi um apologista que defendeu, principalmente, o cristianismo contra a acusação de ateísmo. Em sua obra *Petição a favor dos cristãos* destinada ao imperador Marco Aurélio ele alega o erro de tal acusação e revela o Deus que ele acredita:

Não é irracional chamar-nos de ateus? Com efeito, se pensássemos como Diágoras, tendo tantos argumentos para a crença em Deus – a ordem, a harmonia universal, a grandeza, a cor, a figura, a disposição do mundo -, então sim teríamos com razão a fama de ímpios e haveria motivo para sermos perseguidos. Mas a nossa doutrina admite um só Deus, criador de todo este mundo, e ele não foi criado – pois não se cria o que existe, mas o que não foi criado -, e sim ele é criador de todas as coisas por meio do Verbo que dele procede. Portanto, sofremos ambas as coisas sem motivo, a má fama e a perseguição (ATENÁGORAS, *Petição Em Favor dos Cristãos*, Cap.4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um breve compilado de apologistas foi possível assinalar diversos conflitos que o cristianismo enfrentou e que foi fortemente debatido com uma clara oposição por partes destes homens. Embora haja seis divisões de conflitos é possível ver que cada sub-item gera certa complexidade, tornando o conflito algo extenso e de multifaces. Portanto, é certo concluir que os apologistas tem papel importante na história do cristianismo, por defenderem a fé cristã em seus diversos, complexos e extensos conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. *Guia de patrística: as marcas de Cristo na história dos primeiros séculos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ATENÁGORAS. *Petição em favor dos cristãos* in Padres Apologistas. São Paulo: Paulus, 1995.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

EUSÉBIO. *Histórias Eclesiásticas* in Histórias Eclesiásticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires a era dos sonhos frustrados*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

¹ Rafael da Silva França é bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), mestrando em teologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e foi vencedor da VII Jornada Científica realizada pela FTBSP com a pesquisa *Teologia de Favela*. Além da formação teológica, é graduado em Petróleo e gás pela Universidade Paulista (UNIP).